

É possível re-industrializar o Brasil?

Francisco Eduardo Pires de Souza
9o. Fórum de Economia, FGV/SP
Setembro de 2012

É possível re-industrializar o Brasil?

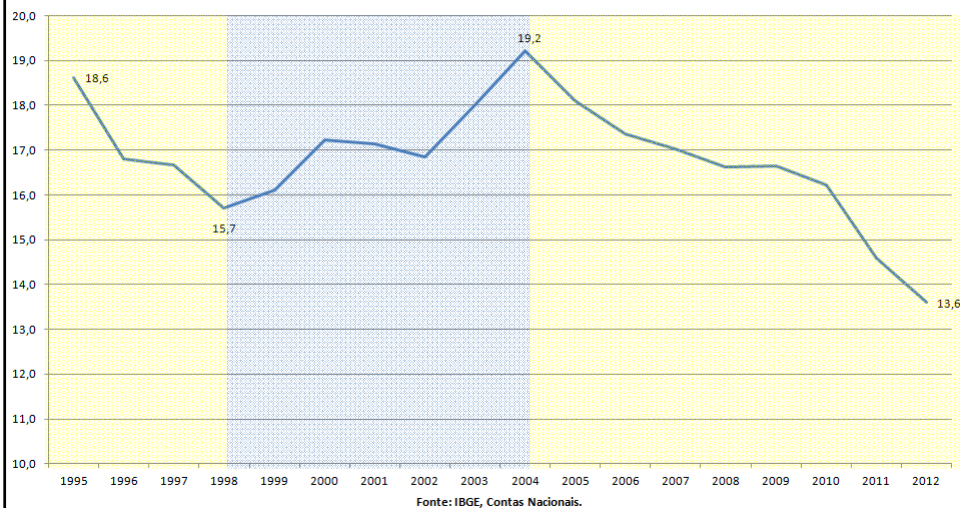
- 1a. Abordagem (backward-looking):
 - as causas da desindustrialização (o peso de diferentes fatores) FSOUZ2
 - a dimensão do desafio de re-industrializar;
 - o papel de um acordo social/pacto político
 - sinais do presente (políticas e tendências recentes)
- 2a. Abordagem (forward-looking):
 - Implicações das revoluções tecnológicas em curso
 - Implicações de diferentes cenários para a economia mundial

FSOUZ2 Embora a desindustrialização já tenha sido discutida em fóruns anteriores e o objetivo aqui, como proposto pelos organizadores, seja discutir se é possível re-industrializar, vou partir dos fatores que causaram a desindustrialização apenas como base para discutir os três pontos que vem em seguida, isto é, qual é o tamanho do problema, o magnitude do desafio; e portanto qual o papel, importância e viabilidade de um pacto político com este objetivo; e, por fim o que os desenvolvimentos recentes na área da política econômica e do comportamento de algumas variáveis econômicas críticas (como os juros e o câmbio) vem mostrando.

Francisco Eduardo Pires de Souza; 16/09/2012

Duas Fases de Desindustrialização e uma de Reindustrialização ...

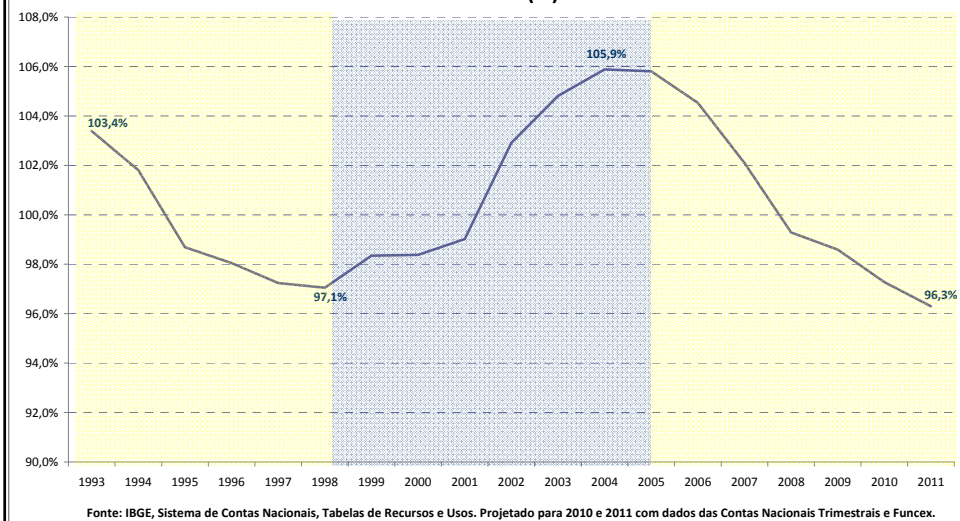
Participação da Indústria de Transformação no Valor Adicionado Bruto Total da Economia (%)



FSOUZ4

Duas Fases de Desindustrialização e uma de Reindustrialização ...

Participação da Produção Doméstica na Demanda Interna por Produtos Industriais (%)

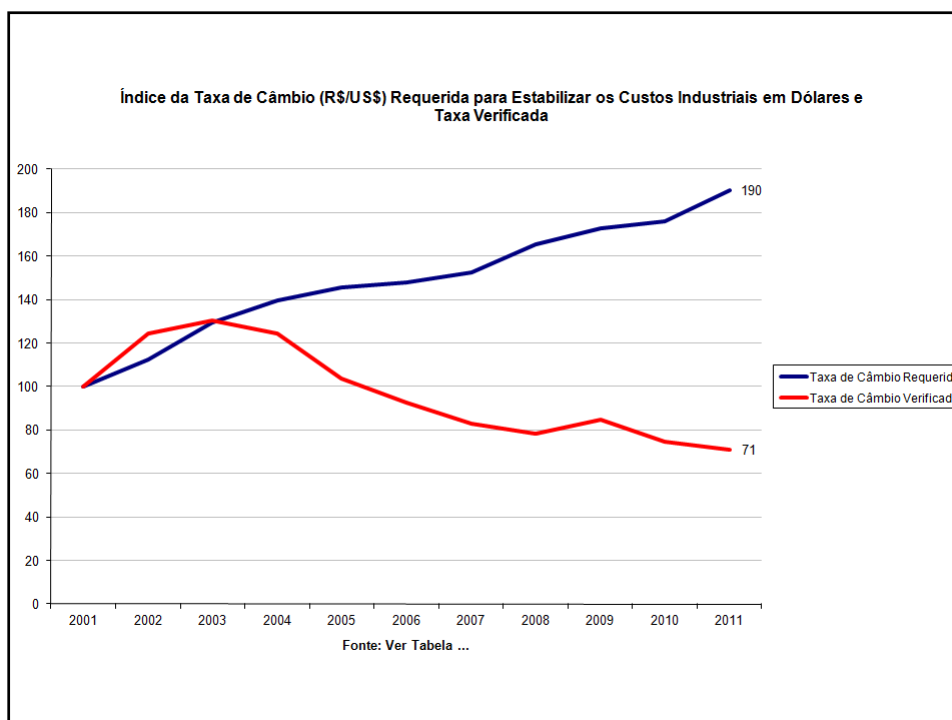


FSOUZ4 Então já foi possível reindustrializar! Mas em que circunstâncias? Foi a profunda crise cambial brasileira a parceira deste processo de reindustrialização: não só porque induziu uma forte depreciação da taxa de câmbio, como também porque criou condições políticas para a aprovação de medidas que provavelmente não viriam sem ela (desde a mudança no regime de política econômica, eliminando a âncora cambial, até medidas que permitiram ampliar o superávit primário, etc). Mas desta vez não temos uma crise cambial... Agora as medidas requeridas tem que partir de uma compreensão da importância de fazê-lo para garantir o desenvolvimento de longo prazo do país. É muito mais difícil, porque não tem ninguém sendo colocado contra a parede. Pelo contrário, câmbio apreciado torna os importados e as viagens ao exterior mais baratos (a plata dulce, como diziam os argentinos), e mesmo os empresários industriais, frequentemente se adaptam, tornando-se importadores e comerciantes. E como a taxa de desemprego não para de cair, não apenas pelo crescimento do setor de serviços, mas também pela impressionante mudança na dinâmica demográfica brasileira, tampouco há uma crise de emprego pressionando os trabalhadores. A questão é, como expressou ontem o Carlos Ivan Simonsen Leal, se isso é sustentável. Em suma, temos contra o acordo social para tomar as medidas que levem à reindustrialização o fato de que é difícil fazer mudanças que sempre tem um custo de transição (alguma perda de salário real, o custo para quem deve em dólar, alguns sacrifícios no plano fiscal), quando ninguém está sendo colocado contra a parede por uma crise. A favor de um pacto destes, no entanto, temos o fato de que a sociedade brasileira - e destacadamente o movimento sindical - evoluiu muito na sua compreensão das questões econômicas e também se tornou menos conflitiva (e portanto possivelmente mais propensa a cooperar) a partir das políticas sociais e persistente melhorias na distribuição de renda e ascensão social de camadas de baixa renda.

Índice dos Custos em R\$ da Indústria de Transformação

Ano	Custo Unitário do Trabalho	Energia Elétrica	Insumos Domésticos Comercializáveis ⁽¹⁾	Insumos Domésticos Não Comercializáveis ⁽²⁾	Insumos Importados ⁽³⁾	Índice do Custo Total em R\$ ⁽⁴⁾
2001	100	100	100	100	100	100
2002	105	117	114	108	122	112
2003	115	136	139	124	134	129
2004	124	165	152	133	140	140
2005	134	200	162	142	125	146
2006	137	223	164	148	115	148
2007	141	232	173	153	112	152
2008	153	224	192	162	127	165
2009	168	238	196	170	129	173
2010	170	246	206	178	115	176
2011	189	257	224	190	123	190
Var. média 2004-11 (% a.a.)	6,6	9,9	8,4	6,6	2,1	6,7

⁽¹⁾ Empregou-se o IGP-DI como deflator deste grupo.
⁽²⁾ IPCA.
⁽³⁾ Índice de Preços das Importações de Bens Intermediários x Índice da Taxa de Câmbio R\$/US\$
⁽⁴⁾ Ponderado pela participação dos componentes na Matriz de Insumo Produto de 2005 e TRU das Contas Nacionais.
^(E) = Estimado; ^(P) = Previsto
Fontes: IBGE, Matriz de Insumo Produto, Contas Nacionais, PIM-PF e PIMES; ANEEL, Banco Central e Funcex.



Índice de Preço das Importações dos EUA de Manufaturados, por País/Região de Origem (2003 = 100)

Ano	Países Industrializados ⁽¹⁾	Demais Países ⁽²⁾	União Européia ⁽³⁾	América Latina ⁽⁴⁾	China	NICs Asiáticos ⁽⁵⁾	ASEAN ⁽⁶⁾
2003	100	100	100	100	100	100	100
2004	105	101	105	105	100	99	99
2005	109	104	109	113	99	98	98
2006	113	106	113	121	98	98	98
2007	116	108	116	124	98	97	97
2008	124	114	123	134	102	100	101
2009	118	108	119	119	101	94	96
2010	122	111	122	124	101	96	97
2011	126	116	127	129	104	100	105
2012 ⁽⁷⁾	127	117	128	128	105	99	106

(1) Inclui Europa Ocidental, Canada, Japão, Austrália, Nova Zelândia e África do Sul.

(2) Inclui Europa Oriental, América Latina, Países da OPEP, e outros países asiáticos, africanos e do Hemisfério Ocidental.

(3) Inclui países da União Européia.

(4) Inclui México, América Central, América do Sul e o Caribe.

(5) Países Asiáticos de Industrialização Recente. Inclui Hong Kong, Cingapura, Coreia do Sul e Taiwan.

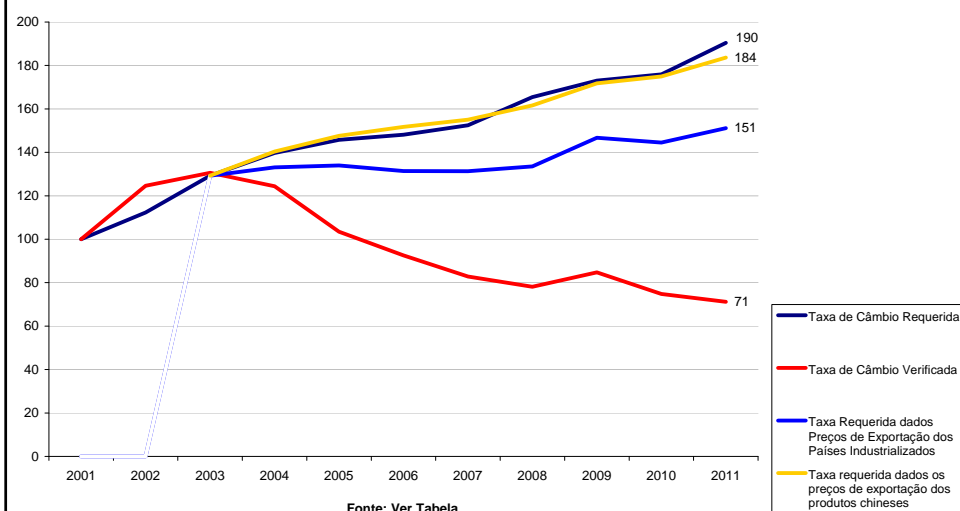
(6) Associação de Nações do Sudeste Asiático. Inclui Brunei, Camboja, Indonésia, Laos, Malásia, Myanmar, Filipinas, Cingapura, Tailândia e Vietnam.

(7) Média até julho.

Regiões não são mutuamente exclusivas.

Fonte: US Department of Labor, Bureau of Labor Statistics.

Índice da Taxa de Câmbio (R\$/US\$) Requerida para Estabilizar os Custos Industriais em Dólares, e para igualá-los aos preços chineses e dos países industrializados x Taxa Verificada



FSOUZ3

Índice dos Custos em R\$ da Indústria de Transformação

Ano	Custo Unitário do Trabalho	Energia Elétrica	Insumos Domésticos Comercializáveis (1)	Insumos Domésticos Não Comercializáveis (2)	Insumos Importados (3)	Índice do Custo Total em R\$ (4)	Índice da Taxa de Câmbio Nominal R\$/US\$	Índice do Custo Total em US\$
2001	100	100	100	100	100	100	100	100
2002	105	117	114	108	122	112	125	90
2003	115	136	139	124	134	129	131	99
2004	124	165	152	133	140	140	124	112
2005	134	200	162	142	125	146	103	141
2006	137	223	164	148	115	148	93	160
2007	141	232	173	153	112	152	83	184
2008	153	224	192	162	127	165	78	212
2009	168	238	196	170	129	173	85	204
2010	170	246	206	178	115	176	75	235
2011	189	257	224	190	123	190	71	267
Var. média 2004-11 (% a.a.)	6,6	9,9	8,4	6,6	2,1	6,7	-3,3	10,3

(1) Empregou-se o IGP-DI como deflator deste grupo.

(2) IPCA.

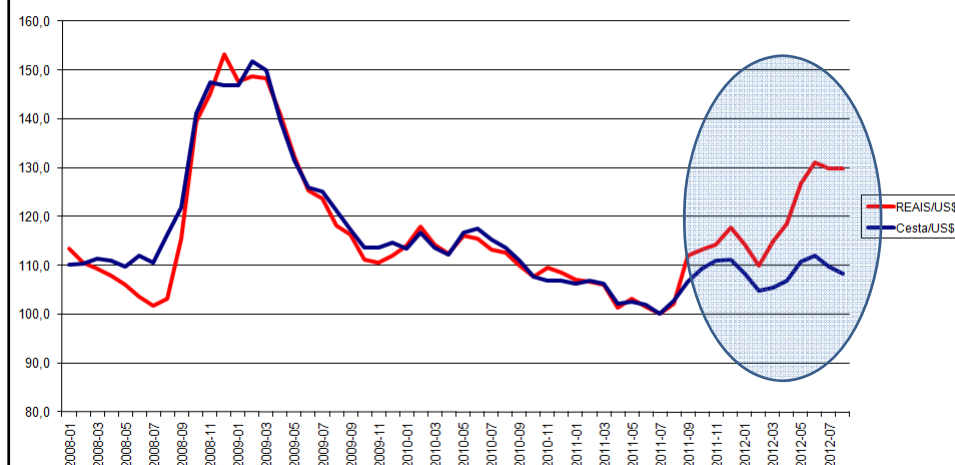
(3) Índice de Preços das Importações de Bens Intermediários x Índice da Taxa de Câmbio R\$/US\$

(4) Ponderado pela participação dos componentes na Matriz de Insumo Produto de 2005 e TRU das Contas Nacionais.

P = Estimado; P* = Previsto

Fontes: IBGE, Matriz de Insumo Produto, Contas Nacionais, PIM-PF e PIMES; ANEEL, Banco Central e Funcex.

Índice das Taxas de Câmbio de uma Cesta de "Commodity Currencies" (*) e do Real (julho de 2011 = 100)



FSOUZ3 É evidente que, ainda que o Brasil possa ter ganho vantagens em alguns produtos relacionados à sua dotação de recursos naturais, etc, a perda de competitividade geral foi tão grande, que é indispensável restaurar parte importante da competitividade perdida pelos aumentos dos custos não compensados por aumento do câmbio (sempre vem à mente o exemplo da Samarco, etc).

A boa nova é que, a despeito de todos os desincentivos para promover mudanças que promovam a reindustrialização, fora de um contexto de crise, algumas importantes medidas neste sentido começaram a ser tomadas (como mostrado ontem pelo secretário Nelson Barbosa).

A agenda inclui:

1) mix de política macro com câmbio mais alto e juros mais baixo. Este talvez seja o item da pauta que mais demanda esforços de pacto político e social.

Durante muito tempo se argumentou que se tratava de um objetivo inviável, por razões que iam da baixa taxa de poupança doméstica (equivalente a uma opção da sociedade brasileira pelo câmbio apreciado) até as regras das cadernetas de poupança, passando pela suposta ineficácia dos controles de capitais.

No período recente, contudo, vários mitos foram quebrados e avanços foram feitos na direção da mudança do mix:

- redução da Selic de 12,5% para 7,5% nos últimos 12 meses;
- intervenções e outras medidas na área cambial, levando a taxa de câmbio a um patamar de R\$2,00/US\$ desde maio último.

2) Redução de custos industriais, via isenções tributárias e outras medidas, podendo-se destacar:

- eliminação dos encargos previdenciários sobre a folha de salários de um grande número de setores industriais;
- redução substancial anunciada da tarifa de energia elétrica industrial.
- redução dos juros nos empréstimos do BNDES, reduzindo ainda mais o custo do capital (baixou para 2,5% a taxa de juros para BK; caiminhões e ônibus, entre 2,5.e 5%)

Francisco Eduardo Pires de Souza; 17/09/2012

Sí, se puede

Índice dos Custos em R\$ da Indústria de Transformação

Ano	Custo Unitário do Trabalho	Energia Elétrica	Insumos Domésticos Comercializáveis (1)	Insumos Domésticos Não Comercializáveis (2)	Insumos Importados (3)	Índice do Custo Total em R\$ (4)	Índice da Taxa de Câmbio Nominal R\$/US\$	Índice do Custo Total em US\$
2001	100	100	100	100	100	100	100	100
2002	105	117	114	108	122	112	125	90
2003	115	136	139	124	134	129	131	99
2004	124	165	152	133	140	140	124	112
2005	134	200	162	142	125	146	103	141
2006	137	223	164	148	115	148	93	160
2007	141	232	173	153	112	152	83	184
2008	153	224	192	162	127	165	78	212
2009	168	238	196	170	129	173	85	204
2010	170	246	206	178	115	176	75	235
2011	189	257	224	190	123	190	71	267
Var. média 2004-11 (% a.a.)	6,6	9,9	8,4	6,6	2,1	6,7	-3,3	10,3
2012 (E)	199	260	238	200	144	203	83	245
2013 (P)	182	208	253	210	156	204	89	229
Var. média proj. 2012-13 (% a.a.)	-3,8	-18,8	13,1	10,4	26,5	7,4	25,4	-14,4

(1) Empregou-se o IGP-DI como deflator deste grupo.

(2) IPCA.

(3) Índice de Preços das Importações de Bens Intermediários x Índice da Taxa de Câmbio R\$/US\$

(4) Ponderado pela participação dos componentes na Matriz de Insumo Produto de 2005 e TRU das Contas Nacionais.

E = Estimado; P = Previsto

Fontes: IBGE, Matriz de Insumo Produto, Contas Nacionais, PIM-PF e PIMES; ANEEL, Banco Central e Funcex.

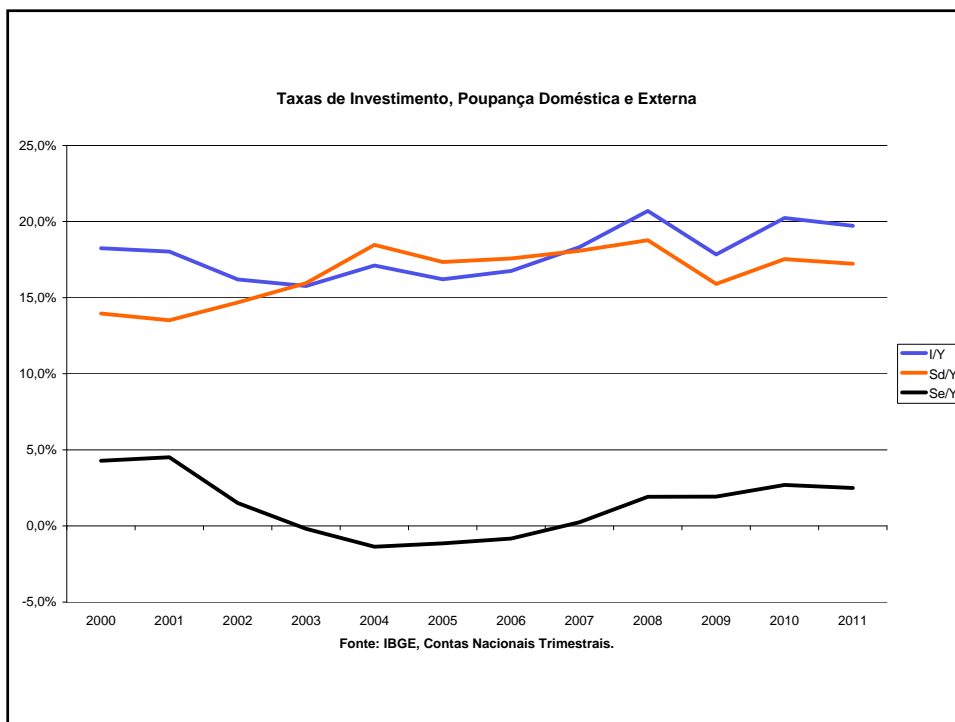
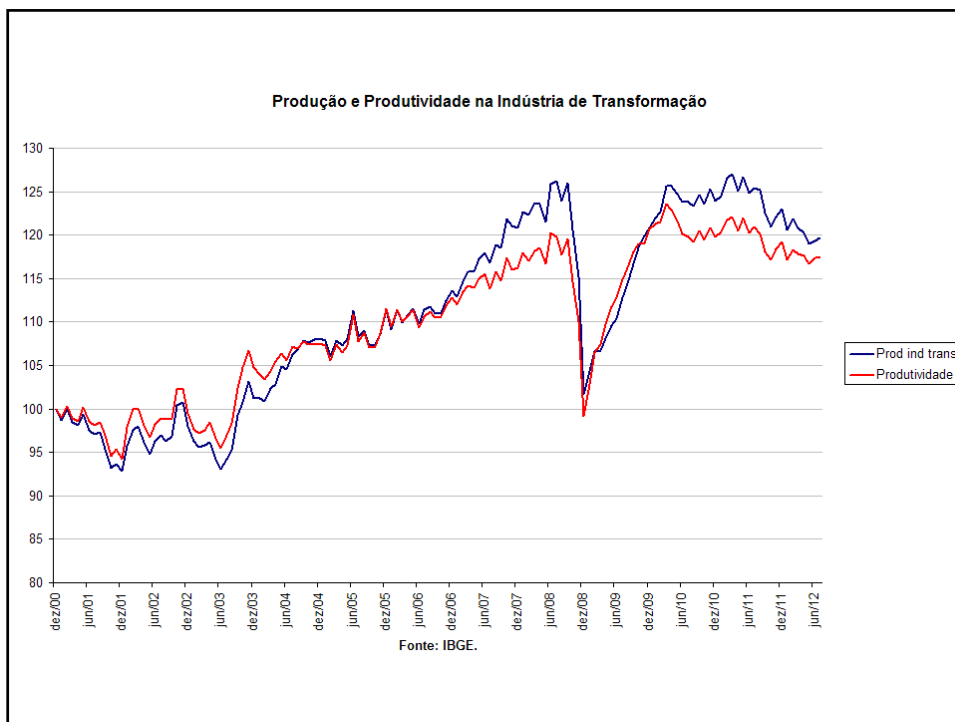
Como prosseguir avançando e recuperar a competitividade perdida?

- Energia elétrica (x)
- Custo unitário do trabalho
 - Redução dos encargos (x)
 - Aumento de Produtividade
 - “ganho fácil” (recuperação cíclica; aumento de investimentos)
 - Ganhos sistêmicos (infra-estrutura, etc)
 - Políticas de longo prazo (educação, etc)
- Juros – redução das taxas e medidas de incentivo ao alongamento dos prazos e desenvolvimento do mercado de capitais.
- Câmbio – depreciações adicionais possíveis, mas tem custos que (em tempos de financiamento fácil do balanço de pagamentos) requerem decisão política e acordo social.

FSOUZ5

FSOUZ5 Ontem se falou da redução do salário real que acompanha uma desvalorização cambial. Mas os ganhos de produtividade que podem se seguir, na medida em que aumente a taxa de investimento e de crescimento da indústria, pode levar a uma recuperação rápida e elevação do salário real. Por outro lado, há outros custos importantes. Em particular, com juros baixos e câmbio depreciado, a política fiscal passa ser um instrumento importante para conter a inflação. Visto por outra ótica, em decorrência do aumento da taxa de investimento e do aumento da demanda pelos comercializáveis produzidos internamente, tende a se produzir, em algum momento um excesso de demanda (equivalente a um excesso de investimento sobre a poupança doméstica), que ou bem é resolvido via inflação, apreciação cambial e aumento do déficit em conta corrente (poupança externa) ou via aumento da taxa de poupança doméstica. Em parte a taxa de poupança doméstica se eleva com o crescimento da economia (efeito Modigliani) ou pelo efeito da desvalorização cambial sobre os lucros. Mas muito provavelmente será necessário também elevar a taxa de poupança pública. Há espaço para isso. Exemplo: quanto maior a receita de royalties do pré-sal for poupada (num fundo soberano, etc), maior a poupança pública; quanto mais se for seletivo nos incentivos e na tributação (exemplos: lei Kandir dá incentivo fiscal para commodities altamente beneficiadas pelas condições do mercado internacional; desoneração da folha de pagamentos foi estendida, no Congresso, para setores não comercializáveis, como transporte rodoviário, etc).

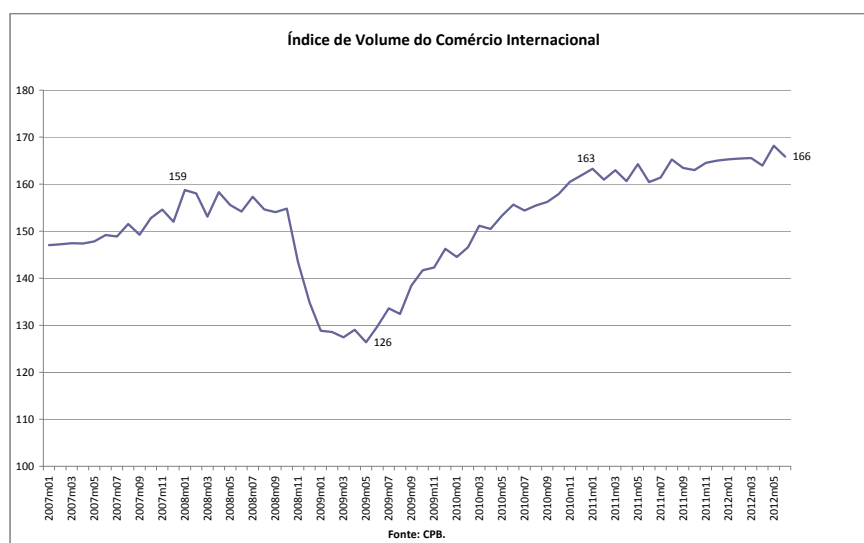
Francisco Eduardo Pires de Souza; 18/09/2012



Olhando para a frente: implicações de algumas novas tendências tecnológicas

- Impressora 3-D (processo aditivo) + forte barateamento de robôs -> redução do peso do trabalho nos custos da manufatura e reponderação dos fatores relevantes para definir vantagens competitivas; importância da proximidade com o mercado consumidor volta a contar mais do que escala, custo da mão de obra, etc.
- A revolução na produção de gás natural (shale gas revolution) e do petróleo não convencional (sobretudo o shale/tight oil), que tendem a baratear o preço da energia e vem sendo um dos principais responsáveis pela reindustrialização dos EUA.
- Em suma, a geografia da produção manufatureira e a divisão internacional do trabalho estão sendo novamente redefinidos. As vantagens/desvantagens brasileiras, com certeza, também.

Olhando para a frente: tendências para o mundo e para o comércio internacional e sua relação com a reindustrialização



Olhando para a frente: implicações de diferentes cenários para a economia mundial

- Cenário de agravamento da crise internacional (China desacelera mais forte, aprofundamento da crise do euro, *double dip* nos EUA) -> fortes efeitos negativos sobre o comércio internacional com aumento do protecionismo e retração do multilateralismo:
 - Mercado doméstico é grande vantagem brasileira e base para a expansão industrial.
 - Reindustrialização com manutenção de elevado grau de diversificação.
- Cenário mundial de recuperação lenta, porém contínua:
 - Comércio internacional cresce mais que no caso anterior, mas ainda assim pouco por muitos anos e exportações enfrentarão competição acirrada;
 - Maior especialização industrial do que no passado (antes da “desindustrialização”) e integração nas cadeias mundiais de produção.
- Em suma o sentido da re-industrialização pode variar conforme o cenário internacional, e as políticas devem

